



TRANSCRIÇÃO TRADUZIDA EM PORTUGUÊS¹

CHRISTOPHE DEJOURS

[00:00] letrados

[00:00:20][CHRISTOPHE DEJOURS]: Bom, fiquei um tanto impactado com esse pedido, essa proposta de falar, assim, livremente... da... minha relação com a psicanálise. Queria achar um fio condutor e, portanto, depois de uma conversa hoje cedo com a Diana [Tabacof], acho que uma das vias possíveis seria centrar a apresentação na questão da emancipação, da relação entre psicanálise e emancipação.

Acho que esta é minha principal preocupação, talvez, não tenho certeza, em todo caso é uma preocupação importante. É uma preocupação pouco habitual em psicanálise...

Fui criado, de certo modo, num clima da psicanálise, nos anos 70, em que dominava, na paisagem francesa, acho que bastante maciçamente, o pensamento de Lacan. E, bem, Lacan tem sobre essa questão da emancipação, e a psicanálise lacaniana nos seus desenvolvimentos pós-Lacan confirma essa ideia, de que a emancipação é uma ideia meio boba, uma ideia meio ingênua, cândida, e, portanto, ele formula finalmente a teoria, ele pensa que a emancipação é uma ideia meio inútil e que, na realidade, a questão da loucura ou da possibilidade de conjurar a loucura consistem em aceitar os limites, justamente, do ser humano o que ele chama... e reitera em muitas ocasiões é a centralidade da castração. Ou seja, em admitir justamente que a emancipação é uma espécie de ideal em relação ao qual é preciso finalmente se resignar, reconhecer sua impossibilidade. E aqueles que não querem reconhecer essa impossibilidade ficam não só na fantasia, como ameaçados pelo risco da megalomania e, por fim, da loucura.

Acho que a emancipação continua sendo uma questão totalmente essencial, totalmente importante, tanto do ponto de vista da psicanálise, ou seja, do ponto de vista do desenvolvimento psíquico individual, no fundo, de uma trajetória de vida e, por outro lado, acho que a emancipação é uma verdadeira questão política e, portanto, tomo posição a favor da emancipação, o que exigiria algumas justificativas.

Bem, essas justificativas não são teóricas, são empíricas, decorrem muito da minha experiência pessoal.

¹ Tradução Claudia Berliner



PSICANALISTAS QUE FALAM

Acho que... Bem, vou falar muito brevemente de mim, da minha história, mas na minha família tinha um tanto de pessoas com doenças mentais e acontece que aprendi, desse convívio muito precoce com a doença mental, duas coisas:

[00:05:00] A primeira é que a verdadeira loucura, a psicose – e tinha disso entre meus familiares – é insuportável, a loucura, a psicose, o delírio, as alucinações, são absolutamente pavorosas, não tenho nenhuma tendência à complacência em relação à loucura. Acho que a loucura é uma verdadeira tragédia e, portanto, concebi, creio, dessa experiência da loucura entre meus familiares, uma vontade de lutar contra a loucura e isso já é uma ideia, assim, de algo a dominar sobre a loucura e que tem a ver com a questão da emancipação. Podemos ou não nos emancipar da loucura? E acontece que na minha família, a maioria dos loucos se livrou dela, ou seja, conseguiu, de forma bastante notável, vencer a loucura.

Eu tinha um tio que era muito louco, que foi internado várias vezes no setor de psiquiatria, mas ele lutou contra sua loucura e acabou conseguindo realmente superar isso e fez uma bela carreira intelectual, universitária, de pesquisador, chegando até a se tornar presidente de universidade parisiense, na Sorbonne. É muito impressionante ver alguém que foi tão louco assim, que achou que era Jesus Cristo. E, tenho também uma irmã, mas não quero falar muito dela, que pesou muito na minha vida, porque era um pouco mais velha que eu e envenenou toda a minha infância com a sua loucura.

Portanto, duas coisas: não gosto da loucura e me meti na psiquiatria e na psicanálise para lutar contra a loucura. Por outro lado, esses familiares me deram a convicção de que é possível se emancipar da loucura. Além disso, eu mesmo passei pela experiência da análise e acho que eu mesmo era bastante louco e, portanto, também tive a chance de fazer um longo percurso por meio da minha análise e acho que me beneficie do prazer de descobrir a vida e muitas coisas maravilhosas de que desfruto hoje, mas de que desfruto hoje porque fiz esse trabalho analítico, que é uma experiência da emancipação.

Além disso, a questão da emancipação não é apenas uma questão individual de certas pessoas do meu meio, é também a questão da emancipação política e acho que houve e ainda há processos de emancipação, para mim absolutamente indiscutíveis na história, a começar pela emancipação da escravidão, que é uma questão muito importante, ainda que a escravidão não tenha desaparecido da superfície do globo, é certo que, afinal, saímos da escravidão da Antiguidade. Ademais, há a emancipação das mulheres em relação à dominação dos homens, que é igualmente uma questão política, mas também uma questão pessoal também, porque, por várias razões, na minha família havia essencialmente mulheres à minha volta, os homens estavam bastante ausentes,



PSICANALISTAS QUE FALAM

muitos tinham morrido e, portanto, vivi num mundo de mulheres e portanto a questão da dominação exercida pelos homens sobre as mulheres é uma questão de que estive impregnado desde a minha primeira infância.

Ora, creio que há diferenças muito importantes, há países em que um verdadeiro processo de emancipação das mulheres deu certo em relação à dominação dos homens, e quando vemos as regressões históricas, como ocorre atualmente no Islã, em particular em países como o Afeganistão ou o Irã, ou a Arábia Saudita, vemos o que significa haver diferenças muito grandes e que a questão da emancipação não é uma postura, não é uma vontade inútil destinada a fracassar, não creio.

Essa questão da emancipação se coloca para mim, agora pelo lado da psicanálise, de modo mais teórico, a partir da posição da criança.

[00:10:05] A criança – não é muito original – a criança chega ao mundo em tal estado de imaturidade biológica que não pode viver, não pode sobreviver por conta própria. Suas funções biológicas são imaturas, e se deixarmos uma criança se desenvolver sozinha, ela morre imediatamente. Portanto, para que a vida seja possível, precisa se estabelecer uma relação entre a criança e um adulto ou adultos que vão cuidar dela. Mas não é só uma relação neutra, é uma relação evidentemente assimétrica entre o adulto e a criança, de tal modo que esta está numa relação de dependência em relação aos cuidados que lhe são prodigalizados pelo adulto. Essa relação de dependência é primeira. A sobrevivência da criança, biológica, mas também psiquicamente, depende fundamentalmente do adulto. É uma relação não só desigual, é uma relação que é – vou carregar um pouco nas tintas, é um pouco caricatural –, é uma relação, primeiro, de alienação da criança no adulto.

Mas – mais um “mas” –, no ambiente lacaniano, mas também um ambiente bastante marcado por Melanie Klein, muito diferente de Laplanche, perdão, de Lacan, mas há algo de comum entre Lacan e Melanie Klein, é a ideia de uma certa formação da relação entre a criança e o adulto, concepção com que também não concordo, e o que tentei de fazer na minha vida foi sempre pensar a partir do que outros pensaram antes de mim, tentar um caminho crítico em relação ao que me foi dado pelos grandes autores.

Pessoalmente não acredito nessa relação de simbiose primitiva entre a criança e o adulto. Acho que há uma relação de dependência, o que não é a mesma coisa e, portanto, para resumir a questão, gostaria de mostrar que essa relação de dependência não é incompatível com a capacidade da criança de se libertar, justamente, de se emancipar dessa dependência primeira em relação ao adulto.



PSICANALISTAS QUE FALAM

É isso que temos de tentar entender: como é possível em tal estado de fragilidade esteja, desde o começo, envolvida num processo em que não se trata só de dependência, é dependência e imediatamente também uma tentativa da criança de se emancipar, se liberar dessa dominação do adulto sobre ela.

Essa assimetria entre o adulto e a criança foi teorizada por um autor que teve muita importância na minha vida posteriormente, que conheci muito mais tarde. Estou falando dos meus começos na psicanálise nos anos 70. Foi muito mais tarde, no final dos anos 90, que conheci Jean Laplanche e foi ele que teorizou essa relação entre o adulto e a criança com o nome de “situação antropológica fundamental”. Mas vou puxar um fio que Laplanche não puxou. Ele não discordaria necessariamente, mas não era algo que o interessava precisamente. Se a criança consegue sobreviver – isso é importante –, é necessário que ela estabeleça algum tipo de relação com o adulto, e essa relação desencadeia, em troca, no adulto, certo número de condutas, certo número de comportamentos muito sofisticados e que têm a ver com o que chamamos de “cuidados”, sobre os quais, mais recentemente, no final dos anos 80, elaboraram uma teoria, essencialmente por filósofos, de filosofia moral, e também sociólogos, que chamaram isso de teoria do “care”.

[00:15:10] Não há tradução em francês, eu emprego como se emprega na França também, é, portanto, a teoria do *care*, que é extremamente sofisticada e apaixonante, mas os cuidados prodigalizados pelo adulto à criança... é complicado, não é de forma alguma um comportamento natural no adulto, é totalmente impregnado de modos operatórios, de fazeres técnicos muito sofisticados, muito marcados pelas diferentes culturas, pelos diversas etapas da história, ou seja, praticamos cuidados com as crianças hoje de maneira totalmente diferente de como eram praticados faz 40 anos, e *a fortiori* no século passado, no século 19 ou antes, mas o que é importante é que nessa relação, muito desequilibrada, em que a criança realmente depende da qualidade dos cuidados do adulto, na verdade se estabelece uma relação em que a criança impõe ao adulto uma certa quantidade de exigências que ela tira do adulto à força. E, na verdade, não é só uma relação em que a criança passivamente se expõe à onipotência do adulto, acho que não é verdade, a experiência da clínica da criança mostra que as crianças são capazes de impor ao adulto, eles brigam com o adulto e conseguem impor certo número de (*risos*) concessões, a tal ponto que, para a maioria de nós, quando temos filhos, temos a experiência de que a criança vira um verdadeiro tirano e que acabamos tendo de fazer concessões porque ela vai começar a berrar, a gritar, porque vai ficar com dispneia, vai sufocar, todas estas síndromes de crianças que têm ataques de raiva e que obrigam o adulto a fazer concessões, e a criança.



PSICANALISTAS QUE FALAM

A gente quer colocá-la na cama à noite, às 8, porque nos ensinaram, nas teorias do *care*, que hoje uma criança tem de ir pra cama cedo, às 8 da noite tem que dormir, mas ela não quer dormir, e grita, berra, e consegue que, enfim, ela não vai pra cama às 8, vai ir às 10 ou 11 da noite e ela impõe seu ritmo ao adulto e é o adulto que tem de se adaptar. Acho que não são apenas momentos assim, isso obriga o adulto a aceitar regras que são, em parte, ditadas e produzidas pela criança.

Apesar dessa desigualdade incrível entre a criança totalmente dependente do adulto, na verdade logo começa uma atividade – vou empregar uma palavra bárbara –, é uma atividade deontológica, ou seja, uma atividade de produção de regras, na qual a criança, a despeito de sua fragilidade, a despeito de sua dependência, na verdade negocia com o adulto acordos que depois vão evoluir ao longo de toda a infância, e essas regras não são só as do adulto, ao contrário do que se crê, mas as crianças contribuem e de maneira cada vez mais intensa atualmente por várias razões, ligadas aos desenvolvimentos tecnológicos e que fazem com que as crianças se apoiem nas outras crianças através das redes sociais, através ... e ela impõe... e as crianças em conjunto impõem aos adultos regras que elas não podiam impor no passado, mas esse é um outro tema que vou deixar de lado.

Essa capacidade que a criança tem de intervir nas regras dos próprios cuidados de que se beneficia e de que necessita para viver, fui obrigado a desenvolver essa ideia numa discussão com um filósofo alemão, de quem talvez fale várias vezes, que é aquele que ocupava a cátedra de filosofia da Universidade de Frankfurt, a Goethe Universität, e que dirige o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, que sucedeu Horkheimer, Adorno, depois dele Habermas e depois foi Axel Honneth.

[00:20:10] Foi numa discussão com Axel Honneth sobre um modelo que eu tinha tentado discutir a respeito do trabalho, a respeito de filosofia política, e em que eu tinha me apoiado, para conseguir desenvolver esse pensamento sobre a emancipação política, por intermédio de um meio específico, não estamos mais entre a criança e o adultos, mas entre seres humanos que estão em situações muito desiguais, aqueles que estão dominados, os assalariados, as pessoas pobres, ou os desempregados, e sua capacidade de negociar com gente que tem poder, os capitalistas, ou o capitalista, o empresário, o diretor de empresa, ou mesmo o Estado, nessa posição desequilibrada de poder – a dominação pode ser terrível – entendo, pessoalmente, que mesmo quando se está em uma posição fraca, no plano político, é-se capaz de obrigar o adversário, que é muito poderoso, a negociar assim mesmo. Eram as condições que tornam isso possível que eu discutia com Axel Honneth. Foi por isso que fui levado a mostrar que essa capacidade de intervir e de obrigar aquele que domina a fazer concessões tem sua origem na relação da criança com o adulto, desde o começo, é um poder que temos



PSICANALISTAS QUE FALAM

como seres humanos. Essas são as bases... elas são clínicas, mas têm evidentemente uma dimensão antropológica, nas quais me apoiei para tomar hoje esse eixo da emancipação para falar de psicanálise.

Há uma segunda etapa – evidentemente isso está um pouco cortado, assim, de maneira sequencial e um pouco artificial. Faço parte de uma corrente da psicanálise que permaneceu muito próxima de Freud e que, portanto, considera que no centro da psicanálise há a questão da sexualidade. Bem, também, por que penso que essa sexualidade é a questão central da psicanálise? Isso exigiria muitos desenvolvimentos, é uma intuição, no fundo, que se origina de uma experiência pessoal. Eu era – não tinha pensado em falar disso, mas como estou nisso vou dizê-lo – descobri a psicanálise quando tinha mais ou menos 15 anos, por meio de um amigo que tinha na época e que era bem mais velho que eu, e que me falou pela primeira vez da psicanálise, e particularmente... numa conversa, assim, muito apaixonada pelas discussões, a gente conversava sobre tudo... em particular a questão do complexo de Édipo, e quando ele me contou essa história do complexo de Édipo, fiquei muito perturbado, porque lembrei brutalmente dos sonhos que tinha tido, que eram muito edipianos, que não vou lhes contar porque (*risos*) é muito comprometedor, enfim, (*risos*) vocês podem adivinhar do que se tratava, em suma, eu fazia coisas que não se deve fazer com os próprios pais, com minha mãe em particular, e haveria muita coisa para contar, mas, em suma, cáí, por essa experiência *príncipe*s, cáí na psicanálise, a partir daquele dia decidi que queria fazer da minha vida uma trajetória que se apoiasse na psicanálise, não sabia exatamente o que ia fazer, mas certamente queria me tornar psicanalista, queria fazer uma análise e queria aprender o ofício de psicanalista...

[00:25:00] A ideia da sexualidade que tinha naquela época é totalmente diferente daquela que adquiri em seguida trabalhando no ofício de analista, aprendendo a metapsicologia, frequentando a obra de Freud, onde aprendi um monte de coisas que não intuía de jeito nenhum e que são coisas bastante complicadas, mas a sexualidade no sentido freudiano do termo é uma sexualidade bem precisa, em todo caso para mim e para um certo número de pessoas com quem trabalhei depois, é a sexualidade da criança, que não é apenas uma sexualidade da criança, é uma sexualidade na criança, o que já é um paradoxo incrível, como pode haver uma sexualidade nas criancinhas pequeninas, e que Freud caracteriza como uma sexualidade infantil, perversa e polimorfa.

Essa é efetivamente a herança freudiana, não é de jeito nenhum uma intuição pessoal. Digo que é um paradoxo: como é que crianças tenham uma sexualidade, coisa com que, já no tempo de Freud, a maioria dos psiquiatras, dos alienistas, concordava, as crianças têm uma sexualidade. Como é possível que as crianças tenham uma sexualidade sendo que os órgãos genitais delas não estão desenvolvidos e que seus hormônios, ou



PSICANALISTAS QUE FALAM

seja, suas glândulas endócrinas não atingiram a maturidade? Portanto, essa sexualidade não pode ser de origem biológica, já que a biologia só virá a intervir muito mais tarde, na puberdade, quer dizer 10, 12, 14, 15 anos depois. Mas a criança bem pequena já tem interesses sexuais evidentes, logo, qual é a origem dessa sexualidade? Se ela não é biológica, de onde ela vem?

Aí entramos num problema muito grande, a partir do qual nascem controvérsias muito grandes no interior da psicanálise, e nisso devo a meu encontro com Laplanche uma sistematização dessa questão que prezo muito. É a ideia de que a sexualidade chega na criança pelo adulto. É o resultado de uma sedução da criança pelo adulto. Essa é uma longa história, não vou lhes dar um curso sobre a teoria da sedução, é a grande organização sistemática elaborada por Jean Laplanche, que leva o nome de “teoria da sedução generalizada”, que é uma teoria magnífica. e não vou contar tudo isso porque levaria muito tempo, mesmo que goste muito de contar isso porque é muito, muito, muito bonito, mas assim mesmo tenho que dizer algumas palavras sobre isso para poder continuar.

A ideia é a seguinte: há na criança um movimento primeiro que a leva na direção do adulto e que é naturalmente, instintivamente vetorizado, é uma coisa que está no corpo da criança, embora tão imatura, há esse primeiro movimento que leva a criança na direção do corpo do adulto e que desencadeia neste comportamentos de cuidados. Isso foi muito estudado por etologistas, primatologistas, os que estudam o desenvolvimento nos primatas, nos macacos, macacos pequenos, de onde foram extraídos muitos ensinamentos para a psicanálise. Os trabalhos dos primatologistas giram em torno dos trabalhos de [Harry] Harlow, e a importação desses trabalhos da etologia para a psicanálise foi bastante tardia, é recente, feita por [John] Bowlby, com o nome de “apego”. O primeiro movimento que vai da criança para o corpo do adulto tem o nome de apego. E o que isso desencadeia no adulto são comportamentos vetorizados pela questão da autoconservação: a criança chora porque está com fome, porque está com hipoglicemia e busca um substrato energético, por exemplo, e vai na direção do corpo do adulto.

[00:30:20] Evidentemente, há a questão do alimento, como vai chegar o substrato energético. Portanto, de um modo ou de outro, açúcar, água também, porque se o adulto não vem alimentar a criança desidrata, logo, todos os... – não vou entrar nos detalhes dessa clínica que é apaixonante –, mas nesse movimento primeiro do corpo e no retorno, que se chama *thrive*, por parte do adulto, há de fato algo que é instintivo de início e que se sustenta na biologia. Mas quando o adulto cuida da criança, ele não tem como não entrar num corpo a corpo com a criança, se a criança está com frio, é preciso aquecê-la, pegar no colo, se a criança está com fome, é preciso lhe dar o peito, lhe dar



PSICANALISTAS QUE FALAM

uma mamadeira, mas caso se dê a mamadeira é preciso tomá-la nos braços, pegar no colo, dar a mamadeira, dar o peito, quando é preciso lavar uma criança, ou trocar suas fraldas, ou aquecê-la porque está com frio, ou esfriá-la porque está com calor demais, de todo modo isso passa, entre o adulto e a criança, pelo corpo a corpo. Não posso me ocupar do corpo de uma criança sem que meu corpo esteja envolvido numa relação de corpo a corpo. De tal modo que, no adulto, os cuidados, que são estudados pelos teóricos do *care*, que, no entanto, não tratam absolutamente da sexualidade, esquecem, ignoram totalmente a dimensão de que quando o adulto está na relação de corpo a corpo com a criança isso provoca nela excitação sexual. É inevitável, porque ele, adulto, tem um inconsciente sexual e, portanto, ao invés de apenas cuidar da criança em termos estritos, ou seja, ficar no registro puramente instrumental, de cuidados que fossem puramente higiênicos, dietéticos e puramente no registro da autoconservação, ele mistura, ele acrescenta a isso, ele polui, ele contamina o comportamento que deveria ser instrumental com coisas que vêm de seu inconsciente, então, em vez de trocar a fralda e de secar a criança, ele faz “buuuu”, ele faz um monte de coisas, conta coisas, depois canta, depois fala, sorri, tudo isso não tem nada a ver com os cuidados, são coisas que vêm dele e, assim fazendo, ele excita sexualmente a criança com seu próprio... com moções, movimentos que vêm de seu inconsciente e o que passa, o que se passa, que vem dele e que excita o corpo da criança na hora dos cuidados, ele mesmo não sabe, ou seja, ele excita a criança com partes dele mesmo que lhe escapam.

Ou seja, inconscientemente o adulto seduz a criança. É isso a sedução da criança pelo adulto. Mas como ele excita a criança, a criança fica pega numa situação que rapidamente fica complicada, porque essa excitação provocada no seu corpo pode se desenvolver e em geral se desenvolve de modo intenso demais, e se há excitação demais na criança vão surgir problemas. Ou seja, a criança vai ficar tomada por um excesso, o que vai se traduzir rapidamente, sobretudo nos pequeninos, que ainda têm um Eu – estou introduzindo o termo ‘Eu’ –, mas, enfim, um eu que está em processo de constituição, e esse Eu fica, de certa forma, mais que desestabilizado, ele explode e no lugar dele temos imediatamente distúrbios somáticos. Nas crianças isso se traduz pelo fato de que ela de repente tem dores abdominais, cólicas, as cólicas dos bebês, ou vomita, regurgita, ou fica com dispnéia, não consegue mais respirar, ele sufoca ou até mesmo, às vezes, faz crises de convulsão, é muito fácil numa criança, quando está excitada demais, ter convulsões. Portanto, se há excitação demais na criança, surgem problemas bastante rápido e gera, em particular, distúrbios somáticos.

Então, vou direto para o resultado: a teoria de Laplanche é que uma criança nessa situação fica, de certo modo, obrigada, torna-se uma necessidade vital para ela, controlar, dominar essa excitação.



PSICANALISTAS QUE FALAM

[00:35:10] A novidade, a descoberta de Laplanche é que controlar a excitação passa, para a criança, por um trabalho de tradução. Tradução da mensagem vinda do adulto, que evidentemente é primeiro uma mensagem autoconservadora, mas que está poluída, contaminada, Laplanche diz “mensagem comprometida de sexual” e a criança vai tentar traduzir o que lhe chega pelo adulto. Não é só uma mensagem, é uma mensagem que passa pelo corpo dela, é o corpo da criança que está excitado. O que a criança tenta traduzir, e aí eu me afasto um pouquinho de Laplanche, não é traduzir diretamente a mensagem que vem pelo adulto, quando o adulto lhe faz cócegas, ou gracinhas, canções, é traduzir o efeito que a conduta do adulto e a excitação pelo adulto provocam no seu corpo.

O esforço da criança é traduzir o que se passa no seu corpo devido à excitação e à sedução exercida pelo adulto. A tradução é uma maneira, em termos psicanalíticos, é um processo de ligação da excitação, uma interpretação, uma tradução que a criança faz do que lhe acontece. Portanto, ela traduz, há uma parte do que acaba de lhe acontecer a que ela dá uma inteligibilidade – isso exigiria vários desenvolvimentos, como fazer essa tradução quando ela ainda não fala, então exigem modalidades de tradução, são traduções pelo próprio corpo e assim se estabelece uma verdadeira comunicação entre a criança e o adulto bem antes de a criança ser capaz de falar, bem antes de ter acesso à linguagem e há uma comunicação extremamente sutil, extremamente refinada, extremamente complexa e muito precisa ao mesmo tempo entre a criança e o adulto que se dá essencialmente através da linguagem do corpo da criança que me interessa muitíssimo: como funciona essa linguagem do corpo da criança que acredito ser a base fundamental de toda troca, inclusive linguageira posteriormente?

Mas, se falo desse primeiro período, da sedução pelo adulto e da tradução que disso faz a criança, é porque nesse esforço que a criança faz para traduzir, bem, ela traduz com os meios de que dispõe, com sua inteligência de bebê, mas há sempre uma parte da mensagem que lhe escapa, ela traduz o que pode, mas a tradução é sempre, evidentemente, incompleta, a comunicação está sempre à espera de ser melhor traduzida do que foi naquela ocasião, ou a mensagem está sempre à espera de ser melhor traduzida do que foi da primeira vez, mas a tradução sempre implica, no seu número, do não traduzido.

É esse não traduzido que, segundo Laplanche, e que permanece no estado de excitação não ligada, no estado de excitação desligada, é isso que constitui o inconsciente sexual recalçado. O que, da mensagem comprometida pelo adulto pela sexualidade, o que, do inconsciente sexual do adulto, não foi traduzido é o que resta como núcleo do inconsciente, o que Laplanche, retomando Freud, denomina de recalçamento primário. É a base do inconsciente sexual da criança, portanto, a base da



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

sexualidade da criança não é inata, não está de jeito nenhum na biologia, foi nas relações com o adulto que algo aconteceu, o adulto é um sedutor para a criança, e todo adulto não tem outra alternativa senão ser um sedutor.

Se formos um pouco mais longe, todos os adultos, uma vez Laplanche disse isso, que os adultos são pedófilos – é uma provocação – e as crianças, a criança é sempre um hermeneuta, isto é, ela está sempre tentando traduzir. E isso é a condição humana, é a tradução. O ser humano é um tradutor.

Mas nessa operação, o que mais me interessa em relação a essa ideia da emancipação é que, entre o que vem do adulto e o que vai advir como inconsciente na criança, há a tradução feita pela criança. Ou seja, o inconsciente da criança depende da criança, não depende apenas do adulto, ele depende do seu próprio gênio, de sua capacidade de traduzir e também de sua incapacidade de traduzir, mas isso é ela, não é somente o adulto.

[00:40:30] Portanto é uma contestação, essa teoria da sedução generalizada é uma contestação dessa ideia de uma transmissão direta do inconsciente do adulto no inconsciente da criança. Não é uma transmissão direta, não há assim uma introdução direta no inconsciente da criança dos núcleos inconscientes... não, a criança traduz, e é em função de sua tradução que haverá um resto e, portanto, é seu gênio próprio que intervém no que virá a ser seu inconsciente sexual. Quando a criança consegue realizar essa operação de traduzir, por um lado o que ela consegue ligar numa tradução, numa inteligibilidade dessa mensagem é o que constitui seu pré-consciente. Na primeira tópica freudiana, e é também o que é o embrião do Eu. Então, ao mesmo tempo se constitui o Eu, o Eu ou o pré-consciente, e o inconsciente sexual recalado, ou seja, o que não foi traduzido.

Então... tenho que acrescentar um ponto que também é importante para mim, é que os registros de tradução possível pela criança evoluem com o crescimento dela. Seu crescimento biológico dessa vez.

No começo, é essencialmente o que é funcional no pequeno bebê, aquele que conseguir viver, é tudo o que gira em torno da boca, da nutrição, da busca do substrato energético, do açúcar que tem no leite, do leite com a água, que estão na alimentação da criança pelo adulto. Mas há um ponto importante que é que a criança, nesse primeiro período, aprende não só a tomar o leite, ou a pegar o peito, aprende muito rápido outra coisa, que é brincar com o peito. Ele já não está apenas comendo para viver, passa a brincar com sua boca, com seus lábios, com sua língua e, em vez de sugar o mamilo, e de sugar o leite ou de sugar a mamadeira, ela se põe a brincar com eles. E esse joguinho é



PSICANALISTAS QUE FALAM

muitas vezes um jogo com o corpo do adulto, é um jogo com a pessoa do adulto, porque ela vai se divertir não comendo e mantendo o adulto em xeque, o adulto vai ter um monte de reações complicadas e agora é a criança que provoca as pequenas reações anódinas, divertidas ou às vezes exasperadas. Vocês veem que é um jogo muito complicado. A criança pode se pôr na posição de não responder imediatamente a seu instinto de nutrição e se serve da boca para brincar de “chupetar”, mastigar, morder e, durante esse tempo, ela não come e se diverte descobrindo como pode brincar com sua boca, sua língua, seus lábios e, ao mesmo tempo, aprende a descobrir as reações do corpo do adulto, o mamilo que entra em ereção, tudo isso são um monte de jogos muito complicados no corpo do adulto. Quando se trata de alimentá-la, será um pouco diferente, mas a mamadeira já é um assunto muito complicado, muito erótico para o adulto, evidentemente, que coloca grandes investimentos no fato de que a criança vai realmente comer... ou então vai regurgitar, aí são um monte de angústias, tudo isso está lotado de sexualidade por todos os lados.

[00:45:10] Assim fazendo, a criança aprende a usar sua boca para outra coisa que não comer, portanto, ela se liberta da ditadura da função fisiológica para descobrir os joguinhos, que são uma emancipação. Pode retardar sua necessidade de comer para brincar, para se divertir com o adulto, com o corpo do adulto, descobrir o corpo do adulto e descobrir seu próprio corpo.

Depois, quando crescer, quando o sistema piramidal atinge a maturidade, vai poder brincar com os esfíncteres e reter o xixi, o cocô, e aí começam cenas muito complicadas com o adulto, bem mais sofisticadas do que aquelas com a boca, que vão permitir fazer um monte de troços novos, e quando souber andar, aí vai começar a fazer todas as besteiras, enfiar os dedos nas tomadas, e o adulto vai correr atrás e aí ela descobre toda a potência do seu corpo e de sua capacidade de dominar, de chatear o adulto, de fazer ele fazer coisas inacreditáveis; isso começa com ela tão pequenina.

Portanto, nesse processo, há uma emancipação. E a emancipação em relação à ordem biológica, em relação às funções fisiológicas foi possível graças a essa sexualidade.

Portanto, a sexualidade é o meio da emancipação, que permite ao ser humano sair do reino da ordem animal e se tornar um homem.

Essa é uma colocação psicanalítica, não é uma colocação antropológica. Os antropólogos, a maioria deles, não olham para a sexualidade, é a cultura contra a natureza, e um monte de interpretações possíveis sobre a humanização, a linguagem,



PSICANALISTAS QUE FALAM

mas para nós, psicanalistas, não é isso, é em torno da sexualidade que se dá a possibilidade do ser humano sair do reino animal e tornar-se homem.

Essa é uma bela história, pouco a pouco, a partir dos joguinhos com a boca, há todos esses joguinhos e são esses jogos que vamos utilizar depois na vida erótica, os beijos, isso, aquilo, mordiscos e todos os pequenos jogos da vida amorosa em torno do corpo, da pele, do orifício anal, das mucosas, tudo isso, os jogos com os olhos, os jogos com o olhar, tudo isso são os jogos da vida sexual, ou seja, paulatinamente, à medida que as diversas etapas da maturação do corpo biológico tornam possível para a criança descobrir novos jogos do corpo, pouco a pouco é todo o corpo biológico que é subvertido em proveito de outra ordem, que é a ordem erótica.

Portanto, paulatinamente, esse processo resulta na formação de um segundo corpo, a minha posição é que temos dois corpos, há um corpo biológico, é aquele que temos ao nascer, e pouco a pouco, quando tudo corre bem com o adulto, a criança desenvolve um segundo corpo que é o corpo erótico, o corpo que habito, o corpo experimentado de modo sensual, com todos os prazeres desses joguinhos e que é também o corpo do agir expressivo, isto é, esse mesmo corpo que empenho quando falo com vocês, é complicado porque vocês falam, câmeras, um troço muito complicado do ponto de vista psíquico, (*risos*) mas, enfim, vejam bem, não faço apenas dizer palavras, eu falo, tem a entonação, o som, a voz, a respiração, os gritos, as mímicas, a gesticulação, eu me mexo o tempo todo, esse corpo diz coisas bem mais ricas que as meras palavras que emprego.

Logo, meu corpo e o modo como empenho meu corpo, minha motricidade, minhas mímicas, minha gesticulação, minha psicomotricidade na minha fala é o corpo expressivo, é um agir expressivo, e, na verdade, é também com essa mobilização que vem do corpo erótico que se dá a questão da sedução.

É evidentemente na medida dessa capacidade, que aprendo quando pequeno a brincar com meu corpo e com todas as partes do meu corpo, que se constitui esse poder de sedução sobre o outro.

[00:50:00] Mas agora passamos para o segundo registro, não estamos mais no registro animal, no registro biológico, passamos para o registro erótico, é outra coisa.

Há, portanto, entre a primeira ordem, que é a ordem biológica, a da natureza, aquela que temos ao nascer, e a formação de uma segunda ordem, uma relação de subversão. Subvertemos a ordem biológica em benefício de uma segunda ordem, que é a ordem erótica, na qual vivemos, na qual nós nos experimentamos no modo afetivo, do padecer, do sofrer, do prazer etc., todas essas coisas que constituem os afetos, que



PSICANALISTAS QUE FALAM

constituem a verdadeira vida no sentido psíquico do termo, que não é a vida biológica. A vida que interessa a nós, psicanalistas, não é a vida biológica em primeiro lugar. O que nos interessa é a vida sentida em si no modo de afeto, sinto prazer, raiva, ódio, a angústia, um monte de coisas, é isso a vida, não é a vida no sentido dos biólogos, é a vida absoluta, a vida fenomenológica absoluta ou a vida subjetiva. É a própria subjetividade e é ela que nos interessa porque é dela que depende a saúde mental.

Portanto, o modelo da emancipação é a subversão. Partimos de algo e produzimos, a partir dessa primeira base, algo que é totalmente novo, totalmente inédito, totalmente incrível e que é uma liberdade incrível em relação àquilo. Uma tal liberdade que, hoje, uma mulher é capaz de desejar sexualmente, de fazer o amor fora dos períodos, que são os períodos biológicos do cio, que temos no animal, nos mamíferos, em que só há excitação sexual e relações sexuais apenas no período de calor, nas vacas ou nas éguas é igual, senão, você pode pôr um cavalo ao lado de uma égua e eles não fazem nada e se ela está no cio, aí ele pula em cima. Ou seja, mesmo o ritmo sexual, sexual, do cavalo, do garanhão, depende dos calores da égua. Mas no ser humano, a emancipação em relação à biologia é uma emancipação da sexualidade, que faz com que mesmo depois da menopausa as mulheres podem ter relações sexuais e que essa sexualidade infantil começou bem antes de a biologia comparecer. Portanto, é inverossímil essa subversão, colossal, pela sexualidade humana, de produzir algo inteiramente novo, que não tem nada a ver com a biologia. E isso é uma verdadeira descoberta freudiana, é a descoberta dessa sexualidade, da qual agora vai ser preciso falar das outras características, estou só querendo dizer como isso nasce. Ainda será preciso caracterizar essa sexualidade, porque ela vai nos colocar uma série de problemas.

Mas antes de chegar nesse ponto, queria dizer umas poucas palavras – é estranho, não tenho a transição, tenho uma lacuna – mas, enfim, vou dizer o que pretendia dizer.

Outra das questões que me levaram a me opor, a ter uma postura crítica em relação a Lacan é que Lacan tem uma epistemologia essencialmente estruturalista. Na época dos estruturalistas – não tem só ele, tem os linguistas, Jakobson, tem também os antropólogos, como Lévi-Strauss, todas essas pessoas estão nesse período histórico da ciência –, se está numa epistemologia estruturalista que diz e que afirma que ou se é psicótico, ou se é neurótico, ou talvez se seja borderline, mas, ou perverso, é psicose, neurose ou perversão, mas não se pode ser os três, ou os três ao mesmo tempo. E eu discordo dessa posição, sobretudo sustentada por Lacan, estava um pouco presente em Freud, mas menos clara em Freud do que em Lacan, porque Freud não era estruturalista, mas há de fato referências que faziam pensar que Lacan levava alguns aspectos presentes em Freud para o estruturalismo. Ele tinha muitos argumentos bem fortes, eu,



PSICANALISTAS QUE FALAM

afinal, também aderi a isso na juventude e depois reencontrei essa ideia estruturalista, apresentada de uma forma diferente, por meio de outro personagem que foi muito importante para mim, na minha formação: Pierre Marty.

[00:55:10] Pierre Marty é um pensador da psicossomática, um psicanalista francês, e que com um grupo de outros psicanalistas, Michel Fain, Michel de M'Uzan, Christian David, e depois, de modo mais marginal, outros, como Sami Ali, bastante conhecido no Brasil, que abriram caminhos para poder pensar uma abordagem psicanalítica das doenças do corpo. Doenças do corpo do lado das doenças biológicas do corpo. E Marty, assim como Lacan, embora fosse um grande adversário de Lacan... Houve toda uma história com Lacan, porque Lacan era presidente da Sociedade na época, da Société Française de Psychanalyse, e tinha como secretário Marty, então Marty me contou isso, é engraçada a história dos dois, mas, em suma, Marty fundou a psicossomática, é essencialmente ele o fundador, mas ele também pensava que os pacientes que fazem doenças somáticas são muito diferentes, na sua organização mental, dos que fazem neuroses e dos que fazem psicoses. Portanto, reencontramos essa ideia de estrutura, mesmo que não fosse sob esse termo que ele..., para ele, é uma classificação psicossomática, ele prefere falar em termos de neurose bem mentalizada, e pessoas mal mentalizadas. Mas a oposição é bem nítida em Laplanche, desculpe, em Pierre Marty. Existe a ideia de que os psicóticos, os esquizofrênicos, os paranoicos têm uma resistência muito grande às doenças somáticas, o que é verdade em termos gerais, e portanto concluíram, foi sobretudo Marty que trouxe isso, mas Michel Fain também concordava com isso, que existem personalidades mais aptas a fazer doenças somáticas e outras mais aptas a fazer neuroses e outras a fazer psicoses e isso é muito separado.

Havia ainda outro autor na França, importante, chamado Jean Bergeret, que defendia isso e que fez um bonito trabalho sobre as diferentes estruturas.

Eu me apoiei muito nisso e fui inicialmente marcado por essas pessoas até o dia em que encontrei situações que contradiziam isso. Em particular, há pacientes que, alternadamente, fazem doenças somáticas e, numa certa hora, a doença somática se acalma e nesse momento começam a delirar e se tornar psicóticos. E deparei com pacientes assim, vários, e isso é muito complicado. Não se pode: "Ou a pessoa é somática ou psicótica", era essa a teoria, mas na prática não é verdade. Tem gente que alterna.

Além disso, há psicóticos que, embora muito organizados, acabam tendo doenças somáticas.

Também me dei conta que mesmo os neuróticos mais organizados, os mais sutis, que supostamente são mais resistentes às doenças somáticas, mas acabam tendo



PSICANALISTAS QUE FALAM

doenças somáticas. E, por fim, além do mais, todos que estamos aqui acabaremos tendo uma doença somática e morreremos. Porque morreremos todos de doenças, salvo se ocorrer um acidente. Isso é outra coisa, é a guerra, mas afora os acidentes, na vida ordinária acabamos todos tendo uma doença que vai nos matar. Portanto, a doença somática não é uma estrutura, não se pode dizer que tem gente que... isso para mim não funciona.

E, aí, inseriu-se mais um problema para mim: é que tem gente que a gente conhece, do nosso meio, que são pessoas encantadoras, gentis, sutis, artistas, sonhadores, imaginativos, criativos, adoráveis, amáveis, amados, encantadores, têm todas as qualidades, que parecem santos, e um belo dia ficamos sabendo que esse homem que é tão encantador, tão amável, tão amado, pois bem, um dia ele matou a mulher dele. Essa é outra configuração, era totalmente inesperado que um homem assim, de repente, possa ficar violento e matar assim, ou sua mulher, ou seu próprio filho, é uma coisa inacreditável.

Além disso, de forma mais ampla, há um problema muito grave que é que, inclusive eu, que sou um homem muito gentil, será que eu sou muito gentil?, vocês não têm como saber, mas sou um homem incapaz da menor violência física em relação a alguém, nunca bati em ninguém, nunca fui capaz, não é porque sou gentil, é porque não sou capaz, mas, pois bem, mesmo eu que não sou capaz, coloca-se a questão de saber se posso virar um soldado, se posso ir pra guerra e matar outras pessoas.

[01:00:35] Ora, a maioria dos seres, mesmo os mais gentis, eles são capazes de virar soldados e virar assassinos. E por outros motivos, fui levado, em seguida, a estudar trabalhos de historiadores e logo cheguei na questão da Shoá e a ver que da Shoá participou um monte de gente que não era especificamente predisposta a se tornar gente que mata. Há um livro, não posso desenvolver isso, é longo demais, há um livro muito importante que é o livro de Christopher Browning que se chama *Ordinary Men*, os homens comuns, que conta a história do Batalhão 101 da reserva alemã, ou seja, de pessoas relativamente mais velhas que os soldados que vão para o front, e que serão convocadas durante a guerra para formar um regimento, um batalhão, e partir para o Leste para começar o *Judenrein*, a Shoá a bala. Então, é toda a história desse batalhão e do processo que foi feito sobre o Batalhão 101 que Christopher Browning conta. Descobrimos que são pessoas que têm uns 30, 40 anos, que ocupam postos, funções comuns na vida de todos os dias, que são pessoas iguais a vocês e a mim, e que, no entanto, vão participar de assassinatos de uma selvageria absolutamente inacreditável, assassinar os judeus um por um, assim, a bala. Como é possível? Como é possível que pessoas que têm um senso moral, que parecem estar organizadas – acabei de pronunciar uma palavra que ainda não tinha empregado, a questão do senso moral, então, dei um



PSICANALISTAS QUE FALAM

passo a mais, mas, estamos falando da emancipação, mas se falamos da emancipação, é evidentemente sair do reino animal para chegar no reino humano, mas o reino humano traz problemas consideráveis, de que o ser humano não é um ser humano particularmente gentil, particularmente bom, a crer nas experiências como as que foram o nazismo na Alemanha, mas também a colaboração na França, e para mim isso se tornou um problema central, ou seja, a estrutura psíquica das pessoas pode ser extremamente rígida, se tomarmos a referência a Lacan, se tomarmos a referência a Marty, mas ela não é nem um pouco incompatível com o fato de que de repente as pessoas tenham um comportamento completamente diferente daquele que esperávamos delas, não correspondem a uma neurose, não correspondem a uma psicose.

A maioria desses autores, quer se trate de Lacan, quer se trate de Marty, quer se trate de Bergeret, buscam sempre a origem dessa formação, da neurose, da psicose, dos borderline ou, eventualmente, da vulnerabilidade às doenças somáticas. Ou seja, eles buscam a causa, buscam o caminho causal que conduz à formação dessas estruturas patológicas ou pré-patológicas que existem em cada um de nós.

Tive longos debates com a psicossomática durante vários anos, uma discussão com Marty principalmente, mas também com Michel Fain, com quem trabalhei muito tempo, de tal modo que penso que a preocupação deles é entender a origem psíquica das doenças somáticas. Isso já se encontra em Alexander nos Estados Unidos, encontramos isso em muitos autores nos Estados Unidos, também na América Latina com Garma, na Argentina, e também tinha, existem várias escolas de pensamento, na França era essencialmente a École Psychosomatique de Paris, buscam sempre... e Sapir, Chertok, uma série de autores, que procuravam identificar doenças psicossomáticas e, portanto, entender como certos conflitos psíquicos podem gerar o surgimento da doença somática.

[01:05:25] É longo para contar, mas eu penso que essa é uma questão mal formulada. Em suma, penso que o problema não é a origem das doenças, somáticas, ou mentais, porque penso que, fundamentalmente, nada é mais fácil do que adoecer fisicamente e nada é mais fácil do que adoecer mentalmente.

Não é preciso buscar explicações, há um monte delas. Nem a natureza é boa com o ser humano. A natureza nos dá os príons, os vírus, as bactérias, é um horror, a natureza faz tremores de terra, faz furacões, faz um monte de coisas que destroem os seres humanos, é extremamente fácil adoecer. Mas se a gente se volta para a sociedade, bem, a sociedade também não é muito gentil com os seres humanos, e como depois eu trabalhei – falei um pouco sobre isso – com o trabalho e a psicopatologia do trabalho, posso lhes garantir que o mundo do trabalho, as relações de dominação que vão até a



PSICANALISTAS QUE FALAM

guerra, os seres humanos na sociedade, a sociedade não é muito gentil com eles. E nada é mais fácil do que enlouquecer por causa do trabalho, de enlouquecer por causa da dominação, de se perder totalmente. Chegamos hoje a situações em que, por causa do trabalho, pessoas acabam se suicidando no local de trabalho.

A sociedade pode ser extremamente nociva para cada um de nós. E se nos voltarmos agora para o lado da família, enquanto psicanalistas somos evidentemente muito céticos quanto ao papel dos adultos em relação às crianças, e se as crianças são neuróticas, psicóticas, é sempre culpa da mãe, culpa do pai, um pai que não foi suficientemente presente, sei lá mais o quê, a lei do nome do pai, são sempre os pais que são responsabilizados. Em todo caso, os pais é que o que há de pior. E é verdade, já desde a antipsiquiatria inglesa, com Laing e Cooper e isso tudo, todas essas pessoas que trabalharam, isso se chama a antipsiquiatria inglesa, mas há também a antipsiquiatria italiana, que desempenhou um papel muito importante na minha formação, era na minha época e a gente estudava Foucault, o horror da ordem, etc., do sistema disciplinar. Portanto, no fundo, ficar doente é muito fácil. O que é problemático é como fazer para não ficar doente. Como fazemos para não morrer.

Eu inverteo a questão. E a verdadeira questão da psicanálise e como, uns e outros, fazemos para combater o risco que corremos de ficar loucos ou de adoecer fisicamente. E, na minha opinião, isso é muito interessante, muito importante, porque se não lutamos, se não entramos na luta, se não formos suficientemente hábeis nessa luta para nos protegermos dos riscos de doença mental e dos riscos de doença física, ficamos loucos, ficamos fisicamente doentes e morremos.

O verdadeiro problema é esse: é saber como ficamos... Bem, a saúde, do meu ponto de vista, não existe. Isso exigiria alguns desenvolvimentos, mas a maioria de nós tem duas, três, quatro, cinco doenças crônicas. E olha que não é muito, há quem tenha mais que isso. Temos os dentes cariados, temos foliculite nos olhos, vejam, eu uso óculos, os cabelos que caem, dermatoses, psoríases, urticárias, alergias, coisas, dores de cabeça, lombalgias, ou seja, é um horror, temos todos 3, 4, 5, 6 doenças, assim, cólicas, úlceras... Bom, fiz minha tese de medicina sobre isso, sobre a epidemiologia, portanto, sobre o estado de saúde da população francesa e aí descobri a enorme quantidade das doenças crônicas. As doenças agudas são muito raras, são só um pedacinho da patologia, o essencial são as doenças crônicas e todos temos.

[01:10:00] Portanto, se todos temos doenças crônicas, e felizmente existem pessoas que consertam os dentes, que fazem coroas que funcionam muito bem, felizmente existem troços, óculos, se não a vida fica impossível, não dá pra dirigir, não dá pra fazer nada, a gente não vê nada... é elementar...nossa vida encolhe imediatamente



PSICANALISTAS QUE FALAM

se não houver todos esses elementos auxiliares e o máximo que podemos chegar a fazer não é a saúde, a saúde é um ideal, não é um estado de bem-estar físico, psíquico e social, como diz a Organização Mundial da Saúde, que todo mundo repete, isso é falso, isso não existe, é um ideal.

Em contrapartida, o que podemos fazer é chegar à normalidade. A normalidade é um compromisso que está categoricamente abaixo da saúde, então a gente se vira: tenho foliculite nos olhos, ponho óculos, tenho dentes cariados, foram tratados, tenho dor nas costas, tomo um pouco de aspirina, faço ginástica, massagem e um monte de coisas e a gente vai levando, mais ou menos, e isso se chama normalidade e, depois, isso exige um monte de artifícios de definição, pois é complicado definir a normalidade, porque a normalidade em 2018 não é igual à normalidade há 40 anos, porque as técnicas médicas mudaram etc. Portanto, é algo muito marcado pelo social e pela história. Mas não vou entrar nisso.

No fundo, a ideia é que a normalidade é uma conquista, é uma luta, essa luta é permanente, eu venço e volto a perder, é preciso vencer de novo, reconquistar. E se paro de lutar, adoço imediatamente. E, de todo modo, no fim, vamos perder a partida, vamos adoecer e vamos morrer. É assim. Contudo, durante alguns anos a gente consegue ganhar. E, portanto, a própria normalidade é o resultado de uma luta e nessa luta são mobilizados muitos recursos, em particular, um monte de coisas pelo lado das defesas, para lutar contra a loucura, contra o risco de se tornar doente mental. E também defesas específicas para lutar contra os riscos que nos fazem correr os malvados que constituem o poder na sociedade, e também para lutar contra os próprios pais, em suma, é muito complicado, mas é muito interessante e a psicanálise nos permite entender o essencial de tudo isso.

Embora haja uma emancipação em relação à ordem biológica, a subversão libidinal, que permite alcançar a ordem erótica, embora, de um jeito ou de outro, graças à sutileza, ao refinamento das defesas que somos capazes de desenvolver para preservar essa normalidade contra os riscos de descompensação psicopatológica, de descompensação somática, constata-se, ainda assim, que o que aparece primeiro como uma emancipação de repente muda de sentido. Isso vai complicar as coisas, agora. É que nesse processo em que me emancipei da ordem biológica, pelo advento da vida erótica, constituiu-se aquilo que chamamos de inconsciente sexual. O inconsciente sexual é uma nova forma de determinismo. É o que Freud mostra. E isso é muito complicado. Ou seja, eu me emancipei da ordem da natureza e o resultado disso é que sou livre para agir, para aproveitar do meu corpo, mas, ao mesmo tempo, vou ficar, de certo modo, submetido a coisas que estão no inconsciente sexual, que vai determinar uma série de comportamentos meus, incluindo os piores de que falei há pouco, que farão com que eu



PSICANALISTAS QUE FALAM

possa me tornar amanhã um assassino, ou que possa me tornar um guerreiro, ou possa me tornar um ser humano não só horrível no olhar dos outros, mas horrível aos meus próprios olhos.

Chegamos aí nessa questão fundamental que é a questão da pulsão e da famosa sexualidade de Freud. O que é essa sexualidade, o que é esse inconsciente sexual? O inconsciente sexual é constituído dessa sexualidade infantil, perversa e polimorfa.

[01:15:05] Quer dizer que na criança pequena esse inconsciente está na origem das pulsões sexuais. As pulsões sexuais funcionam para si mesmas e para o prazer que cada uma delas pode proporcionar, para a excitação, a sensação sensual que experimentamos no corpo, mas, e é isso o que Freud nos ensina, é que a pulsão é fundamentalmente amoral. Ela busca o prazer pelo prazer. Ela é amoral em relação ao outro, ou seja, desde a infância, o ser humano busca seu prazer, inclusive utilizando o outro para seu prazer. Ele instrumentaliza o outro, ele reifica, a reificação é o horizonte da pulsão, ou seja, a pulsão é tendencialmente, ela vai tendencialmente para o fato de utilizar o outro para o seu próprio prazer. Ela é impertinente não só em relação ao outro, mas em relação a si mesma. A pulsão é amoral também em relação a si. Porque para buscar a excitação, cada vez mais excitação, a pulsão está pouco se lixando – estou sendo grosseiro – ela zomba da autoconservação. Então, quero me excitar, logo, mais um copo de álcool. É preciso mais e mais e isso é terrível, porque eu não deveria beber esse copo de álcool, vai ser demais, mas não posso impedir, quero beber mais um trago e aí ultrapassei a dose que meu corpo pode suportar e entro num coma alcoólico. É parecido com a droga, uso um pouco de droga, mais um pouco, e depois vem a overdose. Eu pego a moto, “brrr”, um pouco mais rápido e “paff”... eu subo na montanha e não posso me impedir de subir mais, porque a excitação, a busca da excitação, a sexualidade é demoníaca, ela vai até colocar em jogo minha própria vida. É esse o caráter diabólico da pulsão sexual.

É em relação a si, mas também em relação aos outros, desde as crianças, a criança pequena é de uma crueldade terrível com o irmão menor: eu não o suporto, ou seja, o irmãozinho, pra obter o amor da mãe, vou bater nele, vou quebrá-lo, vou furar os olhos dele, a violência é terrível já na criança pequena e se não estivermos presentes para limitar isso, nos recreios das escolas haverá crianças mutiladas imediatamente. O problema desse caráter diabólico da pulsão é que há algo de amoral e de associal. E para que haja uma sociedade, para que as pessoas possam viver juntas, é preciso passar pelo que Freud chama de domesticação da pulsão. É a condição *sine qua non* da possibilidade de fazer uma sociedade. Então, para que haja uma sociedade, temos de ser capazes, entre nós, de elaborar acordos, regras de vida, que irão se opor à sexualidade. É assim. A



PSICANALISTAS QUE FALAM

condição da vida é, afinal, de certa maneira, limitar a sexualidade para que possamos viver juntos.

Apoio-me evidentemente em teorias sociais específicas; foram longos debates que tive com sociólogos, da sociologia da ética, com Paul Ladrière, com Patrick Pharo, com Simone Bateman, durante anos trabalhamos sobre o que permite constituir a sociedade e aí é importante dizer que é uma discussão com sociólogos, porque vamos estar aí de novo em desacordo com Freud, em todo caso com zonas de atrito. Porque Freud tem uma específica teoria da sociedade, ele acha que podemos fazer entender como funciona a sociedade a partir do ser humano individual, e pensa que o que está na base do laço social é a libido e é o amor.

[01:20:05] Mas acho que não. Penso que isso está errado, que é preciso limitar a sexualidade, o que não é exatamente a mesma coisa, para poder entrar na relação com os outros. A sexualidade é primeira, mas o amor pelos seres humanos é uma conquista, é secundário.

Portanto, a primeira emancipação é a emancipação em relação à ordem biológica, mas para poder fazer sociedade, para poder entrar no mundo político, é preciso fazer uma segunda emancipação, que é a emancipação em relação às próprias pulsões sexuais ou ao menos a parte desse patrimônio do inconsciente, porque este é fundamentalmente antissocial. Bom, em outros textos, Freud diz várias coisas que vão nessa direção, fundamentalmente em *Mal-estar na civilização*, mas também em *O futuro de uma ilusão*, que é um texto extraordinário. Depois em *Por que a guerra?*, enfim, todas essas questões, e é ele que diz coisas dessa ordem que estão em contradição com a sua teoria social, que ele expõe em *Psicologia das massas e análise do eu*.

Nesse ponto, me vi confrontado com uma nova questão, que é que para poder entrar em sociedade seria preciso domesticar, conseguir domesticar a pulsão, domesticar parcialmente, pois uma parte da pulsão é para a vida sexual, mas uma parte da sexualidade a que é preciso renunciar. Isso coloca um problema particular, é a renúncia à satisfação sexual da pulsão. Freud chama isso de *Triebversicht*, ou seja, a renúncia pulsional.

Uma das dificuldades com que deparei na psicanálise é que, partindo da psicossomática, e depois trabalhando com os neuróticos, os psicóticos etc., eu me dei conta de que a maioria de nós é capaz de encontrar uma solução para esse problema entre o que é amoral na pulsão e o fato de existir, de participar da sociedade, e é que, por um lado, há uma domesticação da pulsão que me possibilita certa sociabilidade, mas, na



PSICANALISTAS QUE FALAM

verdade, posso conseguir ter um setor assim e um outro que não renunciou em absoluto e que faz com que minha crueldade vá se exercer em outro lugar.

Chegamos assim num problema fundamental que é o problema da clivagem. Solução perversa, isto é, a solução mais comum, mas esta é minha convicção pessoal, tirada da clínica que faço há mais de 40 anos, é que a solução mais comum é a solução perversa. Por um lado, renuncio e entro na sociedade, nas relações ordinárias, eu sou um homem gentil, amável, sociável, mas, por outro lado, há uma parte de mim que vai fazer o pior. Esse arranjo fundamentalmente perverso leva o nome de clivagem. É assim que até eu, que sou um ser bastante sociável, amanhã posso virar um torturador e provavelmente eu também poderia ter me tornado um homem da Shoá a bala, também eu podia, poderia me tornar um torturador. Tenho certeza... porque basta ir buscar a pulsão sexual e sua crueldade ... os torturadores utilizam o patrimônio pulsional deles e o gozo de fazer o outro sofrer para se tornarem torturadores de modo inacreditável, que não tem nada a ver com o reino animal, são realmente invenções humanas, porque vou pôr em benefício da tortura, em benefício da guerra, uma série de técnicas extremamente complicadas, que não têm nada a ver com o reino animal e que são, ao contrário, toda a sofisticação e a inteligência humana vêm se concentrar para fazer o mal ao ser humano e não para fazer sociedade.

Portanto, essa questão da perversão é, na verdade, o problema que todos temos entre nós e que chamamos de senso moral. A perversão permite, por um lado, ser um anjo do ponto de vista dos outros e, desse lado, comportar-se como um anjo. E, em outro setor, ser um monstro.

[01:25:05] Está cheio de arranjos assim, pessoas que são muito gentis na vida de todos os dias e vocês não imaginariam o que são capazes de fazer na sua vida profissional. É um engenheiro, é um banqueiro, é um diretor de recursos humanos, ele é muito gentil quando você janta com ele, mas quando você vê como ele se comporta com os outros e os pressiona até a descompensação, até a crise, com uma violência e com um sadismo, não dá pra imaginar. O inverso também é verdadeiro: tem pessoas no trabalho que são maravilhosamente gentis, acolhedoras e que você não imaginaria que elas tratam os filhos desse jeito e que elas exercem a tirania e a ditadura sobre a mulher, que bate nela todos os dias. Você não consegue imaginar que o sujeito é tão gentil no trabalho dele e que, por outro lado, é o terror quando chega em casa. Essa clivagem é, para mim, o problema principal, com efeito, o problema do senso moral, e penso que, espontaneamente, a grande fórmula da normalidade é isso.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então, agora há pouco eu dizia que é bom ser normal porque, afinal, é melhor do que estar doente. Sim, mas... Sim, mas, porque creio que a normalidade é muitas vezes conquistada graças a essa clivagem e. para mim. isso se tornou o ponto principal.

Penso que o que garante a normalidade dos seres humanos não é o recalçamento, o recalçamento desempenha um papel muito importante, mas, não, não é o mecanismo mais sofisticado como pensam os psicossomatistas, o que há de mais refinado, o recalçamento. Não, não é disso que depende, a fórmula mais comum é a clivagem e a perversão. E a separação das zonas.

Mas alguns de nós não conseguimos ou não aceitamos estar clivados. É uma realidade, alguns de nós não queremos, não podemos manter essa clivagem. O resultado é que se não está clivado, a contrapartida é a angústia. Sei que em mim há partes de mim que são selvagens, que são inumanas, que são sádicas, que são perversas e, ao mesmo tempo, brigo com isso, porque gostaria de ser diferente disso.

Quando a gente fica preso entre essas diversas coisas que são, em particular, reveladas pela vida amorosa, porque é aí que está o verdadeiro teste, quando a gente encontra alguém com quem imagina poder começar uma vida amorosa, não estou falando da vida sexual, a vida amorosa, porque essa questão do amor é uma questão fundamental, continua sendo uma questão fundamental. O pior que pode nos acontecer é não poder amar. Não é só não poder ser amado, é não poder amar. Tem um monte de gente que vem pra análise e vem por isso. "Não consigo me apaixonar... e a vida não vale a pena". O amor é uma questão muito, muito importante de que os pacientes nos falam constantemente. Então, a vida amorosa é um verdadeiro teste e ela nos confunde com essa questão da clivagem.

É muito longo pra contar, mas a alternativa à perversão e à clivagem é – estou pegando realmente o caso mais extremo – é o que poremos no lado da autonomia moral subjetiva. A autonomia moral subjetiva se coloca como questão quando a clivagem de que acabo de falar não está protegida, eu não aceito a proteção da minha clivagem pela sociedade. Por exemplo, hoje em dia eu sou um homem de esquerda, sou a favor da emancipação das mulheres, sou a favor da igualdade dos seres humanos entre eles, não só das mulheres com os homens, mas dos negros e dos menos negros com os brancos, sou contra o racismo, tudo isso. Mas, por outro lado, tenho dinheiro, muito dinheiro, e aplico esse dinheiro em empresas que rendem dinheiro. Nessas empresas que rendem dinheiro, meu dinheiro é utilizado pelos banqueiros também para emprestar para a Dassault. Dassault é um dos maiores produtores de armas, de aviões de caça, de bombardeiros, de coisas atroz... é destruição, estamos em guerra na Síria, [Emmanuel] Macron acaba de desencadear de novo a guerra na Síria, atacamos a Líbia, atacamos não



PSICANALISTAS QUE FALAM

sei o quê, a França é sempre a campeã dos aviões de caça, os ingleses conosco e [Donald] Trump agora, vamos fazer a guerra, e isso demanda muito dinheiro. Quero que meu dinheiro renda, então ponho meu dinheiro no banco e o banqueiro o aplica em Dassault, mas ele o aplica também num monte de gente de quem não gosto nada, que fazem coisas contra a ecologia, coisas contra o meio ambiente, contra os outros seres humanos e que fazem coisas imorais como “vamos fazer dinheiro com a energia nuclear”, o nuclear é o serviço público, ou seja, vão se colocar uma série de problemas não só com o meio ambiente, mas com as pessoas que trabalham nas centrais nucleares, e que desaprovo completamente.

[01:30:55] Mas, é assim..., sou clivado.

Por um lado sou um homem de esquerda, com efeito, tenho práticas, e eu mesmo desfruto da vida de um jeito horrendo. Vou nos hotéis de luxo no Brasil ou em outro lugar, quando ali há verdadeiros escravos que estão ali trabalhando para mim. Só posso sustentar isso porque a sociedade me protege e me diz “não, isso não é grave, é assim, é o determinismo econômico, é o progresso da história, não se pode fazer nada, então você é inocente.” Todo mundo pensa isso.

Em outras épocas pode ser pior, podem te dizer que o que está certo é exterminar os judeus, porque os judeus fedem, os judeus são uma verdadeira peste, os judeus desnaturam o *Völkisch* alemão, portanto, matar um judeu está certo e todo mundo pensa assim.

Mas hoje não estamos muito longe disso, na Hungria a maioria das pessoas hoje vota a favor de [Viktor] Orbán, que coloca cartazes antisemitas nos muros de Budapeste. Mas quando a gente vai pra Polônia, não é melhor, e quando vamos pra Ucrânia não é melhor e quando vamos pra Rússia é [Vladimir] Putin, e está vindo aos poucos e cada vez mais é a extrema direita, então todo mundo vai pensar que é preciso deportar os imigrantes, expulsar os refugiados que vêm de todos esses países.

Portanto, a autonomia moral é quando eu não aceito ser absolvido, inocentado pela sociedade daquilo com que satisfaço meus interesses pessoais, meu prazer sexual, meu prazer de comer, meu prazer de compartilhar as boas coisas quando isso se faz, na verdade, em detrimento das vítimas.

A autonomia moral é a capacidade de pensar sozinho, mesmo que eu esteja sozinho contra os outros, contra a maioria. E isso é extremamente difícil. Portanto, a autonomia moral que é alguém recusar, portanto, se retomarmos a situação dos homens ordinários de Christopher Browning, a verdadeira coragem não é ir fazer o trabalho sujo com os outros, porque o que dizem entre si os soldados sob o comando dos chefes



PSICANALISTAS QUE FALAM

nazistas do Batalhão 101 é que homem que é homem é aquele que é capaz de matar. Aquele que não consegue não é um homem, “É um molenga, é um viado, é uma mulher, é um maricas”, vão insultá-lo e humilhá-lo. Bem, a verdadeira coragem é “não consigo, não posso”. A coragem é “eu me recuso a matar”. E não “sou um homem como os outros homens e posso matar”.

Ali, quando todo mundo pensa o contrário, quando tem a pressão de todo mundo, conseguir pensar sozinho e dizer “não, me recuso a matar, me recuso a participar”. É muito, muito difícil e, portanto, pessoalmente, penso que é possível e penso que é o ato de gente excepcional, não eu, não faço parte das pessoas assim e acho que são heróis as pessoas que conseguem ter autonomia moral.

Do ponto de vista psicanalítico, essa questão do senso moral é uma questão fundamental, que, do meu ponto de vista, não é tratada por Freud e com a qual venho brigando desde o começo, portanto, emancipação, sim, emancipação, vejam, a cada vez somos pegos de novo, a gente se emancipou de alguma coisa, mas para sermos pegos de novo por outro determinismo, agora é a clivagem, pela qual somos todos levados a contribuir com o pior.

[01:35:20] Estamos muito longe da emancipação no sentido político do termo, do que a palavra emancipação poderia significar. No entanto, não vou sair do meu caminho por isso e acho que a maioria de nós, não sendo heróis, estamos ameaçados pela clivagem, e a questão agora é como saímos disso quando não somos heróis. Acho que existem soluções para isso e por isso penso que há uma possibilidade de pensar a emancipação no plano político, mas aí vamos ver o que a psicanálise pode ajudar nisso.

Aí a gente cai em outro campo... agora tenho que ir bem mais rápido... eu sabia que ia ser complicado falar disso rapidamente...

[HEIDI TABACOF] Quanto tempo?

[CHRISTOPHE DEJOURS] Não sei, vou tomar o tempo que for necessário.

A outra solução que é uma alternativa...

[burburinho]

[CHRISTOPHE DEJOURS] Precisa trocar os negócios aí? Paramos?



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

[burburinho]

[CHRISTOPHE DEJOURS] Resolvido?

[01:36:40] A alternativa à autonomia moral subjetiva passa por uma mediação especial entre o ser humano individual e a sociedade e esse intermediário, para mim, é o trabalho.

Muito brevemente, a tese que eu defenderia pessoalmente é a tese da “centralidade do trabalho”, é assim que é chamada, que está em discrepância com a concepção de Freud, ou seja, não acho que o que permite o laço social seja o amor de um ser humano por outro, é um amor mediado pela questão do trabalho, é porque preciso do outro para poder agir junto sobre o mundo, sobre a natureza, para fazer a produção agrícola, para criar animais, ou para trabalhar, preciso do outro para fazer funcionar uma central nuclear e obter eletricidade, é sempre na relação com a questão do trabalho que nasce a possibilidade do laço social. O trabalho, o que posso mostrar, o que esperei poder mostrar por meio de um bom número de pesquisas clínicas e teóricas, é que é um mediador entre o outro e mim, que tem um poder de pacificação, um poder extraordinário de construção do viver juntos. E na possibilidade de criar a concórdia entre os seres humanos, e isso passa pelo trabalho. Não é um laço direto entre os outros em mim, é sempre pelo trabalho.

Para dar um exemplo, a emancipação das mulheres em relação à dominação dos homens passa fundamentalmente pela entrada das mulheres no trabalho. É graças ao trabalho que as mulheres se emancipam em relação à dominação dos homens. Sempre. É por isso que nos países em que não se quer a emancipação das mulheres, proíbem as mulheres de trabalhar, elas são só para o espaço doméstico.

Bom, seria muito longo desenvolver todas essas coisas, mas há uma centralidade do trabalho primeiramente em relação à saúde mental. Não há neutralidade do trabalho no tocante à saúde. Se o trabalho pode gerar o pior hoje, ou seja, ele pode ser tamanha fonte de sofrimento nas condições existentes, nas modalidades de organização do trabalho, com a adoção do modelo gerencial, com os novos métodos de organização do trabalho introduzidos pelos gestores, chegamos agora até o suicídio no local de trabalho. Ou seja, o trabalho pode gerar o pior. O trabalho pode gerar o melhor do ponto de vista da saúde mental, pela razão muito precisa de que se pode identificar, graças ao qual, pelo trabalho, consigo entrar num processo de autorrealização. Isto é, depois do trabalho, adquirir habilidades, habilidades práticas, técnicas, e sou até capaz de desenvolver em mim formas de Inteligência que não existiam antes de eu trabalhar.



PSICANALISTAS QUE FALAM

[01:40:22] Tomando um exemplo qualquer, se trabalho no meu piano, trabalho de fato no piano, e brigo com o piano durante semanas, meses, para sacar alguma coisa, vai chegar um momento em que vou conseguir alcançar a velocidade, ou àquele toque, a pegar... e quando sei fazer isso, está ganho, agora sei fazer isso o tempo todo e algo de uma nova habilidade que consegui adquirir assim faz com que eu seja mais inteligente, seja melhor pianista do que era antes de fazer isso. Portanto, o trabalho me torna mais inteligente e, finalmente, depois do trabalho há mais amor-próprio, gosto de mim mais depois do trabalho do que antes. É isso a autorrealização, é o fato de que, de etapa em etapa, o trabalho pode se tornar um mediador na construção de si. E um dos maiores prazeres a que podemos almejar é o desenvolvimento da sensibilidade graças ao piano, agora que sei tocar, ouço no tocar do outro pianista coisas que eu não ouvia antes de ser capaz de fazê-lo. Então, também a minha sensibilidade aumenta. E se trabalho a madeira, num determinado momento eu... posso dizer o mesmo para a madeira, para a pedra ... O carpinteiro que tem o hábito de trabalhar a madeira ele vê um móvel, ele passa e "ahhh!", ele fica extasiado, "como esse móvel é belo!". Vocês não vêem, é um móvel, uma cômoda... não, ele, ele chora de tão bonito que é, sua sensibilidade aumenta. É a vida que se expande pelo trabalho.

Bom, primeira centralidade.

Segunda centralidade do trabalho é a centralidade no tocante à relação entre os homens e as mulheres. Já falei um pouco a respeito da emancipação, mas poderia mostrar que, na relação entre um homem e uma mulher, a questão do trabalho é central, porque há também o trabalho doméstico, não há só o trabalho de produção. O trabalho doméstico é um trabalho muito complicado e maneira como lidamos com isso... é absolutamente central o modo como pensamos essa questão do trabalho na economia conjugal, e isso interfere até debaixo dos lençóis.

Terceiro ponto, terceira centralidade é a centralidade política do trabalho, é aquela que vem a propósito do laço social. Vou tentar recapitular isso, talvez seja o elo mais importante, aquilo de que eu falava era da inteligência individual em relação ao trabalho, a autorrealização pelo desenvolvimento da inteligência, mas quando a gente quer... no trabalho comum, a gente trabalha com os outros, tem que dar um jeito de trabalhar com outras pessoas, a gente trabalha para os chefes, trabalha para os subordinados e a gente trabalha para os colegas, trabalha com os colegas para montar uma equipe etc. O problema é como pôr todas as inteligências individuais juntas para conseguir fazer algo. É aí que começa essa questão do laço social, isso se chama "cooperação". Para poder cooperar, há um intermediário fundamental que é um espaço no qual as pessoas possam debater como trabalhar juntas. A gente faz isso ou não faz, fica bom ou não fica bom, é correto ou não é correto, é eficaz, não é eficaz. Então, esse



PSICANALISTAS QUE FALAM

espaço de deliberação, assim ele se chama, é um espaço magnífico no qual as pessoas dizem o que fazem, dizem o que pensam, portanto, é um espaço em que é preciso testemunhar sobre essa relação com o trabalho.

Em psicanálise, é clássico, quando a gente trabalha bem, a gente vai contar a própria clínica para outros psicanalistas, é preciso falar do próprio trabalho para dar testemunho de seu trabalho, dizer o que fazemos e dizer o que pensamos, para se expor à crítica dos outros.

Portanto, se todo mundo faz isso num coletivo, num grupo, consegue-se chegar a acordos: “isso é bom, a gente pode fazê-lo, é um bom jeito de fazer, mas isso não se deve fazer, não é bom”. Chega-se, assim, a constituir acordos entre as pessoas, depois acordos normativos, depois cadeias de acordos entre eles que constituem regras e essa atividade é uma atividade de produção de regras, e é a partir daí que há realmente um coletivo de trabalho e que se constitui a cooperação. A cooperação repousa na capacidade dos seres humanos de falar, de dizer o que pensam, mas também da capacidade de escutar os outros, isto é, de escutar correndo o risco de ouvir, não só escutar ...

[01:45:40] Vou terminar com isso (risos).

O que está no cerne da formação da cooperação é algo que tem a ver com a democracia, porque isso de que estou falando, um momento em que se fala, um momento em que se escuta, um momento em que se corre riscos de escutar, riscos de falar, é isso fundamentalmente a democracia. Portanto, o trabalho e a cooperação contêm em si a possibilidade de constituir um mundo no qual as diferenças entre os seres humanos, ao mesmo tempo em que são respeitadas, são compatíveis com a constituição de uma concórdia entre as pessoas, porque se busca acordos para fabricar essa atividade deontológica. Mas mesmo a cooperação pode ser posta a serviço do pior. A gente pode se entender muito bem numa equipe, mas trabalha para fabricar bombas. Portanto, não é uma garantia. A cooperação não basta, é preciso haver um elo a mais, que seja a referência a sistemas de valores, valores sempre orientados para a preocupação de honrar a vida. Essa é a questão fundamental, como, em toda atividade de trabalho, toda empresa deve prestar contas sobre o que contribui para a cultura, o que contribui para a civilização, o que contribui para a convivência, ou o que ela destrói. Toda empresa não é só uma empresa para ganhar dinheiro, ela deve também prestar contas a todo mundo sobre o que ela contribui para a cidade, para a civilização, para a cultura. Nesses casos, a cooperação se põe a serviço do melhor.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

São essas as questões que, a meu ver, constituem a base sobre a qual – já vou parar – se dá a alternativa à autonomia moral subjetiva.

Há outra solução que é a passagem por esse coletivo que permite que tudo que há de pior em mim seja posto, no trabalho, pela cooperação, a serviço de uma produção que tem a ver com a sublimação das pulsões em prol de uma atividade socialmente valorizada. Portanto, há uma possibilidade de emancipação quando se pode levar em conta, no plano político, inclusive nas políticas públicas, mas isso pressupõe admitir a centralidade do trabalho como o elemento a partir do qual consegue-se reunir os seres humanos para constituir um mundo aberto à pluralidade dos homens, como diria Hannah Arendt.

Inversamente, se levamos isso em conta, não se deve pensar que os seres humanos são anjos. Os seres humanos não são anjos por causa da sexualidade infantil, perversa e polimorfa e é por meio de todo um processo que se chega a produzir o melhor e isso é uma conquista. Nisso estamos em desacordo fundamental com os outros pensadores da política, os outros pensadores, inclusive com os da Escola de Frankfurt, como Axel Honneth, que renunciaram, que passaram pelo chamado revisionismo freudiano, com Erick Fromm, com Karen Horney, com Harry Stack Sullivan, com Ruth Benedict, que abandonam a teoria das pulsões de Freud e dão uma visão angélica do homem, com a qual discordo profundamente e que muda tudo, tanto pelo lado da psicanálise quanto pelo lado da política.

[aplausos]

[CHRISTOPHE DEJOURS] Não deu muito certo, mas tá bom.

É longo demais.

[HEIDI TABACOF] Muito bom.

[CHRISTOPHE DEJOURS] É a dupla centralidade do trabalho e da sexualidade. É o paradoxo da dupla centralidade, mas, pois é, mas há uma solução teórica e metapsicológica para essa dupla centralidade.

[HEIDI TABACOF para equipe] Tá gravando?

[CHRISTOPHE DEJOURS para equipe] Deve ser difícil, hein! (risos)



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

[HEIDI TABACOF] Isso é que é ter braços, né?

[01:50:30] [CRÉDITOS]

FIM